

AS HISTÓRIAS: MARIJANA



Nome próprio: **MARIJANA**

Apelido: **ČEŠNOVAR**

Idade: **63**

País de origem: **BÓSNIA**

Vive na **Eslovénia** since: **1992**

RESUMO

O marido de Marijana Češnovars morreu em 1990 e em 1992 Sarajevo e a Bósnia, envolveram-se na guerra da Bósnia. Marijana esteve mais de cinquenta dias em Sarajevo. Foi uma experiência terrível. Depois, partiu com o filho em direção à Eslovénia. Embora tivesse um diploma universitário em economia e a sua avó vivesse na Eslovénia, onde a família tinha um pequeno apartamento, e falasse algum esloveno quando chegou, não se sentiu aceite durante muito tempo. Os eslovenos são sensíveis quanto ao sotaque dos servo-croatas e falar esloveno sempre foi um desafio para Marijana. Ao inscrever-se na Universidade da Terceira idade da Eslovénia, finalmente sentiu-se aceite e integrada. Na velhice, o que conta é a capacidade de ser você mesmo e a de alimentar os relacionamentos. Pode integrar-se através do estudo e da admiração da beleza em conjunto com os autóctones.

“QUEM É, NÃO O QUE FAZ, É IMPORTANTE”

CONFLITO

A guerra em Sarajevo começou a 6 de abril de 1992. Isso foi inacreditável. O mês e meio que Marijana esteve em Sarajevo em guerra, antes de partir, foi o período mais horrível e incerto da sua vida. O seu marido tinha morrido em novembro de 1990, devido a um ataque cardíaco massivo, o prédio da sua ex-empresa onde trabalhava, foi um dos primeiros edifícios a serem destruídos. Marijana viu-se sozinha, sem emprego e com um menino de 7 anos para criar.

Poderia falar sobre as pessoas próximas, alguns profissionais e instituições.

FUGA

“Um amigo encaminhou-me para a organização “Children’s Embassy”. Não hesitei e a minha decisão de sair era firme. Tive a sorte de ter a minha avó a morar na Eslovénia num pequeno apartamento, propriedade da família. Viajei com o meu filho de autocarro junto com muitas outras mulheres de todas as idades e os seus filhos. Havia muitos choros e gritos de mulheres que não sabiam se os restantes membros da família estavam vivos, feridos ou mortos. Havia também filmagens e isto deixou-nos muito assustados. Dois dias depois, através de estradas escondidas pelas colinas da Bósnia, chegámos a Split e continuámos para Rijeka e de lá para Ljubljana. Naqueles dias ainda acreditava firmemente que a guerra em Sarajevo não duraria muito e que poderíamos voltar em breve. Eu era muito ingénua!”

AS HISTÓRIAS: MARIJANA

PERTENÇA

“Os primeiros meses trouxeram-nos a certeza de que a guerra na Bósnia estava a piorar, que voltar não seria possível. Naqueles dias também descobrimos quem eram os nossos verdadeiros amigos e quais os laços familiares valiosos. Alguns amigos e parentes nem me telefonaram, temendo que eu precisasse da sua ajuda.

Em agosto de 1992, decidi que o meu filho deveria ir frequentar uma escola primária eslovena. O nosso estatuto de refugiado não facilitou a decisão. Tivemos que bater em muitas portas de diversas escolas. Até fui ao Ministério da Educação. Finalmente, o meu filho inscreveu-se na escola primária Tone Tomšič. O diretor, um homem muito bom, ajudou-me. Mas, as experiências na escola não correram muito bem, especialmente quando foi convidado a escrever sobre France Prešern, o poeta icónico esloveno e o seu texto foi o melhor da aula, mas o meu filho não teve permissão para lê-lo aos outros porque isso não era nada apropriado a um refugiado”. Tais histórias deixavam-me triste e não conseguia explicar o motivo ao meu filho.

Outra experiência. O meu filho orgulhosamente levou a sua avó que tinha nascido em Ljubljana, que acabava de chegar de Sarajevo à escola, para mostrar a todos o quão bom era o seu esloveno. Não é difícil imaginar por que ele fez isso; para demonstrar que também éramos eslovenos e para combater os comentários maldosos e ofensivos dos seus colegas de escola. As crianças são cruéis.

Em Sarajevo, eu tivera alguns parceiros de negócios eslovenos, mas devido à guerra, mudanças e processos de privatização, muitos contatos e laços desapareceram. Foi difícil

**Finalmente
sente-se integrada
desde que se matriculou
na Universidade
Eslovena da Terceira
Idade.**

para mim quando comecei a procurar um emprego. Um dos meus vizinhos encaminhou-me para o Centro de trabalho social - nunca esquecerei o quão gentil foi a pessoa que me atendeu. Fez tudo, tudo o que pôde, para me ajudar. Em setembro de 1992, comecei a trabalhar nas limpezas de apartamentos de três famílias de intelectuais eslovenos. Eu estudei na universidade e tenho um diploma universitário em economia. Mas eles consideraram-me como a senhora da limpeza, não como uma pessoa com competências diversas. Percebi que o mais importante era como eu falava esloveno, tinha um forte sotaque. Não sei por quê, mas falar línguas estrangeiras sempre foi um problema para mim. Muitas pessoas me criticaram. Como é que a sua mãe não lhe ensinou o esloveno? Mas ensinou-me o suficiente para comunicar com os eslovenos durante as minhas férias anuais, quando visitava regularmente a Eslovénia. Mais tarde, falar a língua eslovena ajudou-me a trabalhar com os nossos parceiros comerciais eslovenos.

Dois anos depois, encontrei um emprego numa charcutaria. Língua, língua novamente! A sociedade eslovena é fechada e não se abre facilmente para os refugiados da ex-Jugoslávia.

Também conheci o meu futuro marido por esses dias. Ele é esloveno, mas nunca teve preconceitos sobre a minha origem e o fato de eu ser uma refugiada.

Mais tarde, uma colega sugeriu-me que eu me inscrevesse na Universidade Eslovena da Terceira Idade, onde comecei a estudar história de arte. A universidade estruturou a minha vida, e abriu a minha vida ao mundo exterior. Voltar a Sarajevo? Não, eu não voltaria a Sarajevo porque mudou e tornou-se uma cidade para turistas, nada mais. Quanto mais se vive lá, menos se gosta. O meu filho cresceu na Eslovénia, terminou a escola aqui, conseguiu um emprego, integrou-se totalmente. Tenho um casamento feliz e, apesar dos inúmeros desafios que tive de enfrentar, acho que tive muita sorte. Isso pode parecer

AS HISTÓRIAS: MARIJANA

cruel, vindo de um refugiado como eu, mas, na minha opinião, nem todos os refugiados devem ter permissão para atravessar a fronteira e instalar-se num país, a menos que estejam prontos para fazer um esforço para se integrarem na sociedade de acolhimento”.